

ASSEMBLEIA ESPECIAL DO SÍNODO DOS BISPOS. Amazônia: Novos Caminhos para a Igreja e para uma Ecologia Integral: assembleia Especial para a região Pan-Amazônica – Documento Final. Brasília: Edições CNBB, 2019. (Documentos da Igreja-58). ISBN: 978-85-7972-792-4.

É o Documento Final da Assembleia Especial para a região Pan-Amazônica, após o Sínodo para a Amazônia, ocorrido durante 21 dias no mês de outubro de 2019, em Roma, que antecede e serve de texto de apoio para uma possível Exortação do Papa Francisco.

O Documento Final é composto de uma introdução, cinco capítulos e uma conclusão. Possui 73 páginas. Está na coleção Documentos da Igreja sob o número 58.

Na *Introdução*, os participantes afirmam serem testemunhas de um evento eclesial marcado pela urgência do tema que conclama a abrir novos caminhos para a Igreja. Partilhou-se um trabalho sério em um ambiente marcado pela convicção de ouvir a voz presente do Espírito Santo. O Sínodo foi realizado em clima de fraternidade e oração. Todos os participantes expressaram uma profunda consciência da dramática situação de destruição que afeta a Amazônia, a qual requer mudanças radicais com grande urgência e uma nova direção que permita salvá-la. O desaparecimento do bioma amazônico trará um impacto catastrófico para todo o planeta!

O Capítulo I – *Amazônia: da escuta à conversão integral* – inicia-se com uma frase atribuída a São Paulo VI: “Cristo aponta para a Amazônia”. Segue refletindo que, na Amazônia, a vida é inserida, ligada e integrada ao território, que, como espaço físico vital e nutritivo, é a possibilidade, o sustento e o limite da vida. A água, fonte da vida, tem um rico significado simbólico. Na região amazônica, o ciclo da água é o eixo de conexão. Conecta ecossistemas, culturas e o desenvolvimento do território. Na região amazônica, existe uma realidade multiétnica e multicultural. A busca dos povos indígenas amazônicos por vida em abundância é concretizada no que eles chamam de bem viver. Para eles, bem viver é entender a centralidade do caráter relacional transcendente dos seres humanos da criação. Ele supõe um bem fazer. A Amazônia hoje é uma beleza ferida e deformada, um lugar de dor e violência. As vítimas são os setores mais vulneráveis: crianças, jovens, mulheres e, a nossa irmã, a Mãe Terra. Uma das páginas mais gloriosas da Amazônia foi escrita pelos mártires. Esse Sínodo reconhece com admiração aqueles que lutam arriscando suas próprias vidas, para defender a existência desse território. Ouvir o clamor da terra e o clamor dos pobres e do povo da Amazônia com quem caminhamos nos chama a uma verdadeira conversão integral, com uma vida simples e sóbria, alimentada por uma espiritualidade mística no estilo de São Francisco de Assis.

No Capítulo II – *Novos caminhos de conversão pastoral* –, afirma-se que uma Igreja missionária em saída exige conversão pastoral. Para a Amazônia, esse caminho também significa navegar pelos rios e pelos lagos, entre o povo. Na Amazônia, a água une, não separa. A conversão pastoral será samaritana, em diálogo, acompanhando pessoas com rostos concretos dos povos indígenas, camponeses, afrodescendentes (quilombolas) e migrantes, jovens e moradores da cidade. Isso envolve uma espiritualidade de escuta e anúncio. A Igreja, por natureza, é missionária e tem sua origem

no amor frontal de Deus. Propõe-se uma rede itinerante que reúne os diferentes esforços das equipes que acompanham e energizam a vida e a fé das comunidades da Amazônia.

No Capítulo III – *Novos caminhos de conversão cultural* –, apresenta-se a cultura como um caminho de conversão, pois é preciso colocar-se no lugar do outro, aprender com o outro, estar presente, respeitar e conhecer seus valores, viver e praticar a inculturação e a interculturalidade no anúncio da Boa-Nova. Expressar e viver a fé na Amazônia são sempre constantes desafios. Somente uma Igreja missionária inserida e inculturada fará surgir as igrejas particulares autóctones, com rosto e coração amazônicos, enraizadas nas culturas e nas tradições do povo, unidas na mesma fé em Cristo e diversificadas em seu modo de vivê-la, expressá-la e celebrá-la. O texto apresenta caminhos para uma Igreja inculturada: a) A experiência da fé expressa na piedade popular e na catequese inculturada; b) O mistério da fé refletido em uma teologia inculturada. Apresenta também caminhos para uma Igreja intercultural: a) Respeito às culturas e aos direitos dos povos; b) A promoção do diálogo intercultural em um mundo globalizado; c) Os desafios à saúde, educação e comunicação. Ao final deste capítulo, propõe-se a criação de uma rede de escolas de educação bilíngue para a Amazônia. Deve-se sustentar, apoiar e favorecer as experiências educacionais de educação bilíngue intercultural que já existem e envolver as universidades católicas no trabalho em rede. Deve-se ainda buscar novas formas de educação, convencional e não convencional, como a educação à distância, de acordo com as necessidades dos lugares, dos tempos e das pessoas.

No Capítulo IV – *Novos caminhos de conversão ecológica* –, o texto afirma que nosso planeta é um dom de Deus. Contudo, sabemos da urgência de agir diante de uma crise socioambiental sem precedentes. Precisamos de uma conversão ecológica para responder adequadamente. Queremos cuidar de nossa “Casa Comum” na Amazônia e, para isso, propor novos caminhos: a *ecologia integral* é fundada no fato de que tudo está estreitamente interligado. Por isso, a ecologia e a justiça social estão intimamente ligadas. A ecologia integral conecta o exercício do cuidado da natureza com o da justiça para os mais pobres e desfavorecidos da terra, que são a opção preferida de Deus na história revelada. O novo paradigma do desenvolvimento sustentável deve ser socialmente inclusivo, combinando conhecimentos científicos e tradicionais para empoderar as comunidades tradicionais e indígenas, em sua maioria mulheres, fazendo com que essas tecnologias sirvam ao bem-estar e à proteção das florestas. Cabe a todos nós sermos guardiões da obra de Deus. Os protagonistas do cuidado, da proteção e da defesa dos direitos dos povos e dos direitos da natureza nessa região são as próprias comunidades amazônicas. Elas são os agentes de seu próprio destino, de sua própria missão. A Igreja opta pela defesa da vida, da terra e das culturas originárias da Amazônia. Reafirma-se o compromisso de defesa da vida em sua integralidade, desde a concepção até seu ocaso, e a dignidade de todas as pessoas. Deve-se ser uma comunidade de discípulos missionários muito mais participativa e inclusiva. Propõe-se definir o pecado ecológico como uma ação ou omissão contra Deus, contra o próximo, contra a comunidade e contra o meio ambiente. Propõe-se ainda criar um observatório socioambiental pastoral, fortalecendo a luta em defesa da vida.

No Capítulo V – *Novos caminhos de conversão sinodal* –, o Documento Final explica que, para caminhar juntos, a Igreja precisa de uma conversão sinodal, sinodalidade do Povo de Deus sob a orientação do Espírito na Amazônia. Com esse horizonte de comunhão e participação, busca-se os novos caminhos eclesiais, sobretudo na ministerialidade e sacramentalidade da Igreja, com rosto amazônico. Para isso, necessita-se que se fortaleça uma cultura de diálogo, de escuta recíproca, de discernimento espiritual, de consenso e comunhão, para encontrar espaço e modos de decisão conjunta e responder aos desafios pastorais. Isso promoverá a corresponsabilidade na vida da Igreja, em espírito de serviço. Urge caminhar, propor e assumir as responsabilidades para superar o clericalismo e imposições arbitrárias. A sinodalidade é uma dimensão constitutiva da Igreja. Não se pode ser Igreja sem reconhecer um efetivo exercício do *sensus fidei* de todo o povo de Deus.

Concluo que o Documento Final é um texto consultivo para a importante Exortação que será escrita pelo Papa Francisco. Acredito que Sua Santidade lembrará do clima de intercâmbio aberto, livre e respeitoso que reinou naqueles 21 dias em que aconteceu o Sínodo para a Amazônia, em Roma. Lendo o Documento Final tive a sensação de ser um trabalho de partilha muito sério, em que a voz do Espírito Santo se fez ouvir, se fez presente. O tema é urgente e o Papa Francisco sabe muito bem disso. Oxalá, toda a Igreja possa viver as mudanças que a Assembleia Especial para a região Pan-Amazônica aponta nesse profético e orante documento.

Emerson Sbardelotti

Doutorando e Mestre em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

E-mail: prof.poeta.emerson@gmail.com